
TRABALHO DOMÉSTICO E POBREZA GERACIONAL EM SANTANA DO LIVRAMENTO/RS: FATORES INTRAFAMILIARES E EXTRAFAMILIARES

DOMESTIC WORK AND GENERATIONAL POVERTY IN SANTANA DO
LIVRAMENTO/RS: INTRA-FAMILY AND EXTRA-FAMILY FACTORS

TRABAJO DOMÉSTICO Y POBREZA GENERACIONAL EN SANTANA DO
LIVRAMENTO/RS: FACTORES INTRAFAMILIARES Y EXTRAFAMILIARES

Luise Rodrigues Antunes¹

<https://orcid.org/0000-0003-3258-4373>
<http://lattes.cnpq.br/6278586866483276>

Alessandra Troian²

<https://orcid.org/0000-0001-8207-6436>
<http://lattes.cnpq.br/0939231468483828>

Carolina Freddo Fleck³

<https://orcid.org/0000-0002-1595-0100>
<http://lattes.cnpq.br/3631009141499655>

RESUMO: O presente estudo teve como objetivo identificar os aspectos intrafamiliares e extrafamiliares da pobreza geracional nas histórias das trabalhadoras domésticas e nas gerações de suas famílias em Santana do Livramento/RS. A pesquisa se caracteriza como qualitativa e exploratória, utilizando o método de estudo narrativo. Foram realizadas 16 entrevistas, onze com trabalhadoras domésticas e cinco com seus descendentes, entre os meses de outubro de 2023 e janeiro de 2024, selecionados pela técnica de bola de neve. A análise de conteúdo, na perspectiva de Bardin (2011) foi empregada para categorizar as falas dos participantes. Os resultados indicam que a baixa escolaridade, problemas de saúde e insuficiência alimentar perpetuam a pobreza entre as gerações. Embora haja melhorias na escolaridade dos descendentes, a precarização do trabalho doméstico e a discriminação social ainda dificultam a mobilidade social entre os familiares das domésticas de Santana do Livramento, evidenciando a complexidade do fenômeno da pobreza geracional.

¹ Mestre em Administração pela Universidade Federal do Pampa. E-mail: luiseantunesa@gmail.com.

² Doutora em Desenvolvimento Rural, professora Permanente no Programa de Pós-Graduação em Administração (PPGA) da Universidade Federal do Pampa, campus Santana do Livramento, RS. Líder do grupo de pesquisas Círculo de Estudos em Desenvolvimento e Ruralidades (CEDER - Círculo de Estudos em Desenvolvimento e Ruralidades - Unipampa). E-mail: alessandratroian@unipampa.edu.br.

³ Doutora em Administração pela UFRGS; Professora Associada da Universidade Federal de Santa Maria; Líder do Grupo de Estudos sobre Trabalho, Organizações e Pessoas - GESTA.. E-mail: carolina.fleck@gmail.com.

Palavras-Chave: Perpetuação da pobreza, Mulheres, Ascendentes, Descendentes.

ABSTRACT: The aim of this study was to identify the intra-family and extra-family aspects of generational poverty in the stories of domestic workers and the generations of their families in Santana do Livramento/RS. The research is characterised as qualitative and exploratory, using the narrative study method. Sixteen interviews were conducted, eleven with domestic workers and five with their descendants, between the months of October 2023 and January 2024, selected using the snowball technique. Content analysis from the perspective of Bardin (2011) was used to categorise the participants' statements. The results indicate that low schooling, health problems and food insufficiency perpetuate intergenerational poverty. Although there have been improvements in the education of their descendants, the precariousness of domestic work and social discrimination still hinder social mobility among the family members of domestic workers in Santana do Livramento, highlighting the complexity of the phenomenon of generational poverty.

Keywords: Perpetuation of poverty, Women, Ascendants, Descendants.

RESUMEN: El objetivo de este estudio fue identificar los aspectos intrafamiliares y extrafamiliares de la pobreza generacional en los relatos de las trabajadoras domésticas y de las generaciones de sus familias en Santana do Livramento/RS. La investigación se caracteriza por ser cualitativa y exploratoria, utilizando el método de estudio narrativo. Se realizaron dieciséis entrevistas, once a trabajadoras domésticas y cinco a sus descendientes, entre los meses de octubre de 2023 y enero de 2024, seleccionadas mediante la técnica de bola de nieve. Se utilizó el análisis de contenido desde la perspectiva de Bardin (2011) para categorizar las declaraciones de los participantes. Los resultados indican que la baja escolarización, los problemas de salud y la insuficiencia alimentaria perpetúan la pobreza intergeneracional. Aunque haya habido mejoras en la educación de sus descendientes, la precariedad del trabajo doméstico y la discriminación social siguen dificultando la movilidad social entre los familiares de las trabajadoras domésticas de Santana do Livramento, lo que pone de manifiesto la complejidad del fenómeno de la pobreza generacional.

Palabras clave: Perpetuación de la pobreza, Mujeres, Ascendientes, Descendientes.

INTRODUÇÃO

Durante a vida, diferentes fatores relacionados à pobreza podem influenciar o cotidiano dos indivíduos. Ainda, se um indivíduo enfrentou a pobreza na sua infância, ele tem propensão a ser pobre quando adulto, pois fatores nutricionais e de saúde podem afetar o desenvolvimento pessoal, bem como oportunidades ligadas a educação, bens materiais,

mercado de trabalho e autoestima (Cain, 2009). A pobreza na infância predispõe as crianças a permanecerem em situação de pobreza quando adultas, juntamente com outros fatores externos que podem operar para afetar o bem-estar social. As características intrafamiliares⁴ e as dotações iniciais influenciam na socialização do indivíduo, sendo seu ponto de partida para inserção na sociedade, alcance de bens e mercado de trabalho (Bird, 2007). A condição indica um contexto de pobreza geracional, o qual se refere à relação entre a posição socioeconômica dos pais dos filhos quando se tornam adultos. A pobreza geracional avalia as relações que podem existir entre uma geração e outra (Tejada *et al.*, 2015).

Um dos principais fatores para a persistência da pobreza geracional se relaciona com a presença de mulheres como líderes de família, pois elas necessitam arcar com as responsabilidades financeiras e com as tarefas do dia a dia que aumentam quando há crianças. Assim, podem ser observadas condições extremas de pobreza em residências onde há existência de filhos menores de 14 anos, sendo que a situação se agrava quando é uma mãe solo cuidando de um filho nessa idade, comparado com um pai chefe de família nessas condições (Leone; Maia; Baltar, 2010).

As mulheres são as mais limitadas de tempo e recursos, devido às triplas cargas horárias, entre trabalho domésticos, cuidados com filhos e empregos. As triplas jornadas, acabam levando-as a enfrentar a carência social por mais tempo (Silva, 2006). Conforme Couto (2007), as mulheres que enfrentam a pobreza são uma parcela vulnerável da população, pois, além da pobreza, o fato de ser mulher em um contexto patriarcal as levam a um cenário de miséria, fome, falta de moradia, trabalho precário, escassez de políticas eficazes no acesso à saúde, educação e lazer (Antunes, 2024).

A combinação da vida profissional e cuidados com a casa gera empecilhos na área produtiva, como inserção no mercado de trabalho, salários mais baixos, entradas e saídas de serviços mais frequentes. Essa rotina corresponde à realidade das trabalhadoras domésticas, que em sua maioria são mulheres pobres que acabam saindo de suas casas para cuidar de lares de mulheres mais favorecidas socioeconomicamente (Agostinho; Saboia, 2011; Antunes, 2024).

Apesar dos esforços para reduzir a pobreza, os dados mostram que o progresso tem sido limitado em muitos países, incluindo o Brasil, que ocupa o segundo lugar entre as nações do G20 com o maior percentual de pessoas vivendo abaixo da linha da pobreza (Banco Mundial,

⁴ Aquelas características de uma família e podem ser passadas de uns para outros dentro do círculo familiar (Bird, 2007).

2024). Esse cenário reflete-se, por exemplo, na precariedade do trabalho doméstico: em 2018, aproximadamente 6 milhões de brasileiros estavam ocupados nessa atividade, sendo 5,7 milhões mulheres, das quais 3,9 milhões eram negras (Pinheiro *et al.*, 2019).

As trabalhadoras domésticas são aquelas que prestam serviços de cuidados e manutenção em casa de pessoas, para adquirir alguma remuneração. A função desenvolve um relacionamento entre patrões e empregadas que segmenta o gênero, em conjunto com a classe e a cor, uma vez que, que existe uma persistência das desigualdades sociais, de raça e gênero, bem como uma falta de oportunidades no mercado laboral para mulheres com baixa escolaridade e baixa classe social, contribuindo para parcela da população realizar os serviços domésticos no país (DIEESE, 2020).

Devido ao trabalho doméstico ser uma demanda constante, e quanto mais tempo a empregada doméstica se dedica a ele, mais tempo os patrões ficam liberados da tarefa. Acaba reduzindo as tensões da divisão sexual do trabalho nas famílias onde atua, mas não modifica socialmente essa divisão, uma vez que segue reforçando a ideia de que trabalho doméstico deve ser desempenhado pelas mulheres (Ávila; Ferreira, 2020). Considerando o contexto apresentado, o presente estudo visa analisar os aspectos intrafamiliares e extrafamiliares da pobreza geracional presentes na história das trabalhadoras domésticas e nas gerações de suas famílias no município de Santana do Livramento/RS.

Justificando-se pelo processo de desigualdade social que coloca o trabalho doméstico como uma forma de trabalho menos valorizada desde a época da colonização do Brasil, no sentido em que as mulheres escravas libertas migravam para essas funções (Ribeiro Filho; Ribeiro, 2016). A profissão doméstica mantém resquícios de desvalorização, tanto culturalmente quanto economicamente, impedindo o avanço socioeconômico de quem a executa (Muaze, 2016).

Estudar o trabalho doméstico e a pobreza geracional em Santana do Livramento torna-se relevante, uma vez que o município possui média salarial de dois salários-mínimos para a população ocupada, que no ano de 2020 era um total de 15.255, representando em média 20% da população total (IBGE, 2023). Equivalente a um número baixo de pessoas ocupadas, em um cenário em que a profissão de doméstica se destaca na informalidade (Pinheiro *et al.*, 2019).

2 Pobreza Geracional: fatores intrafamiliares e extrafamiliares

A pobreza geracional é caracterizada pelo grau da posição socioeconômica dos pais e o nível socioeconômico dos filhos quando adultos, usualmente medida pela renda. Quando há associação entre os níveis de rendimentos de ambos, indica uma baixa mobilidade geracional. Destarte, aqueles nascidos em famílias pobres tendem a continuar com baixos níveis socioeconômicos (Blanden; Gregg; Macmillan, 2007).

A pobreza geracional é causada por diversos fatores, os quais podem ser intrafamiliares, aqueles que acontecem no núcleo familiar, estando restrito ao contexto familiar e de pessoas que dividem a mesma casa, por alguma relação de parentesco e extrafamiliares aqueles que têm sua origem independente da organização familiar, mas são uma consequência dela e afetam o cotidiano (Bird, 2007). O quadro 2 apresenta os fatores intrafamiliares e extrafamiliares que conduzem à pobreza.

Quadro 1 - Fatores intrafamiliares e extrafamiliares da pobreza geracional

Pobreza Geracional	Características
Fatores Intrafamiliares	Escolaridade correlacionada com a renda dos responsáveis. Saúde dos indivíduos. Alimentação familiar. Número de componentes familiares. Desnutrição materna durante a gravidez. Renda familiar. Acesso a bens materiais. Meio de subsistência. Educação dos pais/ cuidadores. Estabilidade emocional familiar. Pais/ cuidadores bem nutridos e saudáveis. Agregados familiares liderados por idosos. Trabalho infantil - É mais provável que as crianças sejam trabalhadoras infantis se seus pais tiveram educação limitada e trabalharam quando crianças.
Fatores extrafamiliares	Conflitos na sociedade. Baixa participação na sociedade. Acesso ao mercado de trabalho. Questões culturais e psicossociais. Baixas aspirações. Aspirações individuais de indivíduos que sofrem pobreza são ligadas a sociedade e ao mérito que elas intituam para aquele indivíduo. Discriminação por ser pobre. Classe, sexo e etnia. Gênero.

Influências políticas.
Influências de redes sociais.
Culturas da pobreza: sugerem que os pobres têm uma cultura diferente do resto da sociedade caracterizada por atitudes, valores e comportamentos desviantes.
Trauma da exposição à violência, violência sexual, perda e deslocamento podem ter impactos de longo prazo tanto nos pais quanto nos filhos.
A violência da guerra e do terrorismo pode resultar em eventos de vida negativos compostos, incluindo a perda de entes queridos, deslocamento, falta de estrutura educacional e mudanças drásticas na rotina diária e nos valores da comunidade.
Ambiente e interações sociais que o indivíduo está inserido.

Fonte: Elaboração própria a partir de Bird (2007).

As características intrafamiliares e extrafamiliares determinam o acesso a diferentes recursos ao longo da vida. A distribuição desigual de bens, trabalho e tempo são decisivos na formação do capital humano (Bird, 2007). Cueto *et al.*, (2019), destacam elementos que facilitam a transmissão da pobreza geracional.

Pobreza econômica, o investimento econômico reduzido que os pais fazem no desenvolvimento pessoal e educacional das crianças, a escassez ou desajuste de atenção dos pais às necessidades educativas dos filhos. - A incapacidade do sistema educacional de gerar igualdade de oportunidade real, fraco rendimento acadêmico, abandono escolar precoce.- Dificuldade de inserção laboral, capital social enfraquecido ou falta de capacidade para fornecer suportes estrategicamente eficazes, ambientes com vulnerabilidades homogêneos que constroem espaços culturais diferenciados. - O limitado poder integrador das políticas sociais, benefícios sociais fragmentados e pouco orientados para promoção da pessoa e familiar (Cueto *et al.*, 2019 :p.6).

Quanto maior o investimento em capital humano, maior será o desenvolvimento na sociedade, tendendo a romper o ciclo da pobreza. Assim como, quanto menor o investimento, maior será o grau de transmissão geracional de pobreza e outras características familiares (Tajeda *et al.*, 2015). Uma medida para reduzir os níveis de transmissão geracional da pobreza se dá através do aumento dos níveis de ensino e das qualificações dos indivíduos (Bule, 2023). A pobreza geracional é influenciada por fatores intrafamiliares e extrafamiliares, os quais se constituem nos núcleos familiares e se propagam de geração em geração, um dos fatores extrafamiliares que pode afetar a pobreza geracional é a questão de gênero (Bird, 2007). A seguir apresentam-se elementos sobre o trabalho doméstico, sua origem e razões para a vulnerabilidade das mulheres na função.

2.1 Trabalho doméstico: desigualdades da profissão no Brasil

A ocupação trabalho doméstico refere-se ao profissional que atua cumprindo os afazeres domésticos, como serviços de limpeza, cuidados com a cozinha, lavagem de roupas, cuidados de crianças, idosos ou animais domésticos. O trabalho é na casa de outra pessoa e em troca recebe uma remuneração, deve ter seus direitos trabalhistas assegurados quando há vinculação para além de um trabalho considerado esporádico (Sanches, 2009). O trabalho doméstico possui relação com a ocupação de mulheres, remetendo a cultura patriarcal e capitalista, que destinou os afazeres domésticos para as mulheres como se fossem atividades inerentes do sexo feminino. Como se as mulheres tivessem “o dom” do cuidado com o outro e com as coisas da casa. Além disso, o trabalho doméstico, em geral, é tratado pela sociedade como uma atividade sem necessidade de remuneração, ou remuneração desvalorizada (Pinheiro; Fontoura; Pedrosa, 2011).

A profissão de trabalhadora doméstica vem como consequência das atividades exercidas por mulheres escravas (Antunes; Fleck; Troian, 2023). Ou seja, desde que a profissão começou a ser exercida regularmente, os direitos proferidos a ela caminham de forma lenta, demonstrando desprezo ou simplesmente insignificância pela profissão (Melo; Mello, 2022).

Os direitos para as trabalhadoras domésticas se deram lentamente, nem com a Constituição Federal de 1988, um marco importante para o Brasil, obtiveram garantias como descanso remunerado em feriados, direito reconhecido apenas em 2006. A profissão de empregada doméstica é caracterizada pela informalidade e pela desproteção legislativa, significando que uma em cada dez mulheres que exercem a profissão, não possuem carteira assinada e não tem acesso a benefícios como: seguro-desemprego, auxílio-doença (Pinheiro, Tokarski e Vasconcelos, 2020).

Outro marco referente à legislação para as trabalhadoras domésticas é a “Proposta de Emenda à Constituição (PEC) das domésticas”, a qual foi votada como uma emenda constitucional em dois de abril de 2013 e teve a lei complementar sancionada em maio de 2015. A “PEC das Domésticas” serviu para regulamentar o vínculo empregatício para as trabalhadoras domésticas (Fraga; Monticelli, 2021). Em 2023, dez anos da instituição da PEC, se visualiza a redução no número das trabalhadoras domésticas, assim como a persistência da informalidade, o trabalho precário, o trabalho doméstico ilegal no cotidiano das trabalhadoras (Liazibra, 2023).

3 Metodologia

A pesquisa classifica-se como qualitativa. O processo de pesquisa qualitativa envolve a imersão do pesquisador com a coleta de dados, geralmente no ambiente do participante (Creswell, 2021). O método adotado foi o estudo narrativo, no qual o pesquisador investiga o cotidiano dos indivíduos e pede a um ou mais que relatam as suas histórias. A técnica de coleta de dados utilizada foi a entrevista narrativa. Foram realizadas 16 entrevistas, de 17 de outubro de 2023 a 15 de janeiro de 2024, onze com trabalhadoras domésticas representando os sujeitos centrais da pesquisa e cinco com filhos das trabalhadoras domésticas, representando a geração de descendentes⁵.

A escolha dos entrevistados se deu através da técnica de bola de neve (Hair JR et al., 2005)⁶, utilizando os respondentes iniciais da pesquisa e/ou alguns informantes, para indicar participantes com o perfil do estudo, para isso se usou o saber local. Da forma que o primeiro participante, a pedido do pesquisador, indicou o próximo participante, e assim por diante.

As entrevistas foram agendadas previamente, após o primeiro contato com as domésticas, elas foram marcadas em local de escolha da entrevistada. As entrevistas foram encerradas pelo critério de saturação (Flick, 2008), ou seja, quando as novas observações coletadas não trouxeram mais conhecimento adicional, a pesquisa foi encerrada. As entrevistas foram transcritas, impressas e as falas dos participantes da pesquisa categorizadas e analisadas através da análise de conteúdo de Bardin (2011). As categorias foram criadas a posteriori, baseadas na literatura. Os entrevistados, ao longo do texto, foram apresentados com um código de identificação, as trabalhadoras domésticas com a letra “D” e número na ordem em que a entrevista ocorreu. Os descendentes pela letra “F”, de filhos de domésticas, e seu respectivo número de entrevista. No quadro 3 serão descritos os detalhes acerca das entrevistas realizadas.

⁵ A pesquisa passou pela avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa da Unipampa sob registro CAAE 73786123.0.0000.532 e parecer 7.190.042.

⁶ Ao longo da pesquisa foram enfrentados uma série de desafios para conseguir participantes, sendo que foi realizado contato com mais doze domésticas e pessoas que se enquadraram no perfil da pesquisa que não aceitaram participar.

Quadro 2 - Descrição das entrevistas com domésticas e descendentes.

Entrevistadas	Forma de contato	Data da entrevista	Local da entrevista	Tempo de duração da entrevista
D1	WhatsApp	17/10/23	Na igreja que ela frequenta	41:28
D2	Presencial e WhatsApp	24/10/23	No trabalho dela	37:35
D3	WhatsApp	27/10/23	Na casa dela	1:08:21
D4	WhatsApp	02/11/23	Na casa dela	45:41
D5	Presencial	03/10/23	No trabalho dela	1:06:41
D6	Presencial	03/10/23 e 20/11/23	No trabalho dela	40:56
D7	Presencial	20/11/23	Na casa dela	1:09:50
D8	Presencial e WhatsApp	24/11/23	No trabalho dela	42:03
D9	WhatsApp	24/11/23	Na faculdade	18:28
F1	WhatsApp	01/12/23	Na faculdade	31:01
D10	WhatsApp	04/12/23	Na faculdade	1:18:53
F2	Através do Email	08/12/23	Na faculdade	36:05
F3	WhatsApp	15/12/23	Na faculdade	22:13
F4	WhatsApp	06/01/2024	Na faculdade	23:33
D11	Presencial	15/01/2024	Salão/trabalho da filha	25:53
F5	WhatsApp	15/01/2024	No salão dela	23:12

Fonte: Elaboração própria, a partir da pesquisa de campo.

Para maior organização do processo de análise, os resultados foram agrupados com as categorias que emergiram ao longo do estudo e analisadas através da análise de conteúdo proposta por Bardin. A análise de conteúdo, para Bardin (2011), é um conjunto de técnicas das comunicações utilizadas para procedimentos sistemáticos e para descrever o conteúdo de uma mensagem. A autora sugere três fases para a realização da análise de conteúdo, as quais foram seguidas nesta presente pesquisa, a saber: (1) a pré-análise, (2) a exploração do material e (3) o tratamento dos dados.

A pré-análise, é a primeira etapa da análise de conteúdo que o pesquisador deve seguir, selecionando os documentos a serem analisados (Bardin, 2011). Nessa fase inicial acontece a

organização do material do pesquisador e a leitura prévia das entrevistas após serem transcritas. A transcrição das 16 entrevistas foi impressa e categorizada a partir do roteiro de entrevista, identificando onde estava presente cada pergunta e as falas de mais relevância das entrevistadas.

Na segunda etapa, o foco está na exploração do material coletado. Aqui, o pesquisador deve codificar os dados, ou seja, atribuir códigos ou rótulos a partes específicas do conteúdo (Bardin, 2011). Assim foi utilizada a literatura sobre o tema para formar as categorias com base nas entrevistas. Nesse sentido, as categorias estavam apresentadas na literatura da pobreza geracional intrafamiliares e extrafamiliares e as categorias que emergiram do quadro 2 do estudo como base para as análises.

Na terceira fase, ocorre o tratamento dos dados obtidos durante a análise. Aqui, o pesquisador compara os resultados obtidos com a teoria previamente selecionada utilizando o referencial da pesquisa (Bardin, 2011). Nessa etapa, na presente pesquisa, ocorreram as interpretações do material obtido através da pesquisa de campo juntamente com o referencial teórico. E as categorias estabelecidas na etapa dois.

4 Desafios e persistências da pobreza geracional no trabalho doméstico em Santana do Livramento/RS

A seção apresenta os aspectos de pobreza geracional presentes na história das trabalhadoras domésticas e nas gerações de suas famílias. Para melhor compreensão dos sujeitos da pesquisa o quadro 3 apresenta as principais informações que caracterizam as trabalhadoras domésticas entrevistadas.

Quadro 3 – Características socioeconômicas das trabalhadoras domésticas participantes da pesquisa

Entrevistada	Idade	Etnia	Estado Civil	Vínculo Empregatício	Escolaridade	Membros da família
D1	37	Branca	Casada	Diarista (paga o próprio MEI ⁷)	Ensino médio completo	02 membros (esposo e filha)
D2	52	Parda	Divorciada	Diarista	Quinta série	02 membros (namorado e mãe)
D3	47	Negra	Viúva	Diarista (paga o próprio MEI)	Ensino médio completo	02 membros (um filho e uma filha)
D4	68	Branca	União Estável	Aposentada e diarista	Ensino médio completo	02 membros (esposo e filho)
D5	55	Branca	Casada	Terceirizada ⁸	Ensino médio completo	02 membros (esposo e filha)
D6	50	Negra	Casada	Terceirizada	Ensino médio completo	02 membros (esposo e filha)
D7	49	Parda	Casada	Diarista	Ensino médio completo	01 membro (esposo)
D8	55	Branca	União Estável	Diarista	Quinta série	03 membros (mãe, esposo, filho)
D9	62	Negra	Divorciada	Aposentada e Terceirizada	Sexta série	01 membro (filha)
D10	62	Negra	Solteira	Aposentada e diarista	Quinta série	-
D11	51	Branca	União Estável	Diarista com os direitos pago pela patroa	Quinta série	04 membros (esposo, filha, filho e neto)

Fonte: Elaboração própria, a partir da pesquisa de campo.

Os **fatores intrafamiliares** da pobreza geracional são compostos por diversas características, a contar com a escolaridade dos indivíduos estar relacionada com a renda de

⁷ Microempreendedor Individual (MEI) é uma alternativa para a legalização dos trabalhadores informais na qual é oferecido uma carga tributária reduzida (Cavalcante et al., 2020).

⁸ Destaca-se que as entrevistadas terceirizadas foram contratadas para exercerem funções de limpeza em seus ambientes de trabalho e se apresentam como trabalhadoras domésticas por sentirem que exercem a profissão.

seus responsáveis e com sua escolaridade ser equivalente à de seus pais (Bird, 2007). Das onze entrevistadas, nove tiveram suas escolaridades afetadas pela renda de seus pais. A entrevistada D4 esclarece o fenômeno: *“Eu já terminei meus estudos depois de adulta, depois de certa idade. Eu não estudei porque precisava trabalhar porque a mãe morava de casa alugada então a gente trabalhava para pra ajudar; eu trabalhava pra ajudar ela pagava aluguel”* (entrevistada D4).

Das outras duas entrevistadas, uma concluiu os estudos no tempo que entrou na escola e a outra acabou interrompendo pelo casamento. Kassouf (2015) destaca que a pobreza, a escolaridade dos pais, idade em que os pais começaram a trabalhar, local de residência, sexo do chefe de família, são determinantes para que crianças comecem a trabalhar e larguem conseqüentemente a escola. Esses determinantes contribuíram para que as entrevistadas fossem afetadas pela renda dos pais. Como a fala da entrevistada a seguir ressalta, ela foi criada por sua avó, que sempre trabalhou como doméstica e teve necessidades para sustentá-la.

E a minha avó me dizia, tu come no colégio. Porque não vai ter comida no meio-dia. [...] Quando a minha avó chegava no serviço dela, já tinha comida. Porque a minha avó trabalhava. Entrava no meio-dia. Já tava o prato e a comida, da minha avó, pronto. E tinha lugar para ela se sentar, eram aquelas escadinhas que tem de três [...] A mulher botava [...] A patroa botava uma escadinha pra ela se sentar. Aí o arroz tava misturado com [...] Por exemplo, se era carne com molho, o arroz não era arroz. Tu não via assim que a pessoa botava. um arroz, uma carne, tu via que vinha misturado. Porque ela juntou todos os pratos. E colocava no prato pra minha avó. Ela minha avó pegava o prato assim inteirinho (Entrevistada D10)

A entrevistada relata que sua avó era analfabeta e que morava numa casa de uma única peça “A minha avó alugava uma peça com piso de chão. A gente tinha patente. E a gente tinha colchão de pasto. Sim. A gente secava o pasto (Entrevistada D10). Esses fatores fizeram a entrevistada largar a escola aos onze anos e ir morar na casa de outras pessoas para trabalhar como doméstica. Já a entrevistada D9 relata que não pode continuar estudando porque sua mãe era alcoólatra e a única maneira para se sustentar era pedir esmola na rua.

Referente à escolaridade dos entrevistados ser equivalente à de seus pais, oito das mães (ascendentes) são analfabetas e três não completaram o ensino fundamental. Sendo que cinco domésticas (geração atual) completaram o ensino médio depois de mais velhas, por precisarem trabalhar, ou focar em suas próprias famílias, como exemplifica a entrevistada: “Eu trabalhei numa casa, comecei com 14 anos, 14 não, com 12 anos eu comecei a trabalhar

cuidando de criança. Aí, depois eu engravidei, aí eu trabalhava” (Entrevistada D3). A entrevistada ainda aponta que somente conseguiu completar seus estudos há poucos anos.

Outras cinco entrevistadas não têm o ensino fundamental completo, sendo que não quiseram concluir os estudos depois de mais velhas e/ou não tiveram essa oportunidade. “Até tive vontade de começar, porque não custa. A idade não é importante pra estudar, né? Ai, não, já comecei já no meu serviço e não consegui” (Entrevistada D8). Aos 12 anos, a entrevistada foi obrigada a ingressar no mercado de trabalho, interrompendo sua trajetória escolar.

Apenas uma entrevistada completou o ensino médio na época que ingressou na escola. Fazendo com que a escolaridade das trabalhadoras domésticas seja equivalente à de seus pais, pois, apenas cinco conseguiram, apesar das dificuldades, terminar o ensino médio depois de mais velhas. “Depois de 28 anos que eu tinha parado de estudar, eu voltei a fazer o EJA” (Entrevistada D7). Ainda, destaca-se que o descendente (filho) da entrevistada D4, possui escolaridade inferior à da mãe. “Meu filho, esse que mora comigo, tem só até quinta série, não quis saber de estudar” (Entrevistada D4). Enquanto a entrevistada possui o ensino médio, completado após mais velha. A aprendizagem de jovens e adultos em qualquer idade é uma forma legítima de aprendizagem que contribui para a realização pessoal e para a plena participação na sociedade (Gafforelli, Sant’anna e Silva, (2020).

Outras características dos fatores intrafamiliares são a saúde dos indivíduos, a alimentação, o número de componentes familiares, desnutrição materna durante a gravidez e pais/cuidadores bem nutridos (Bird, 2007). Quando as entrevistadas foram questionadas sobre sua alimentação durante a infância, as onze afirmaram ter enfrentado dificuldades. A situação está intimamente ligada às características de saúde dos pais e à nutrição que proporcionaram. Conforme a fala a seguir:

A minha infância era bem menos as coisas, eu fui criada mais com a minha avó né então era eu e uma prima que a minha prima agora já faleceu. vai fazer 4 anos agora em dezembro que ela faleceu. A nossa infância foi bem pobre. A minha avó fazia às vezes umas balinhas de açúcar queimado no fogão pra gente sair comendo pro colégio. A dos meus filhos já foi bem melhor, o meu marido trabalhava (Entrevistada 4).

A entrevistada D7 relata que tinha dificuldades para comprar alimentos e só foi conseguir provar manga depois de adulta. “Depois, de adulta, eu comprava manga, tanto é que manga tem sempre aqui em casa” (Entrevistada D7). Além das dificuldades passadas na infância, a entrevistada D5, relata que ainda enfrenta dificuldades para se manter economicamente e comprar comida:

Agora mesmo esses tempos, eu fiz sanduíche pra vender comprei tudo as coisas (...) ingredientes, só que eu tava no final do mês e eu não tinha, acabei usando meu dinheiro das passagens (de ônibus circular) né e fiquei sem dinheiro para o pão e eu não gosto de pedir para o meu marido (grifo próprio) (Entrevistada D5).

A realidade da entrevistada é corroborada pela pesquisa de Madalozzo e Blofield (2017), visto que indica que mulheres suportam um peso desproporcional na responsabilidade com o cuidado com a casa e com o sustento da família. A fala da entrevistada D11 reforça o fenômeno: “aqui a luz e a água imposto, gás, tudo eu, meu marido compra carne as vezes, né? Mas teve uma época que foi só eu mesmo” (Entrevistada D11).

A alimentação é um fator que perpetua a pobreza ao longo das gerações. Famílias com muitos filhos têm uma maior probabilidade de enfrentar carências nutricionais, já que os recursos disponíveis podem ser direcionados para os filhos mais novos ou mais velhos. Isso pode resultar em menos oportunidades para que as crianças se alimentem adequadamente e concluam o ensino médio (Bird, 2007). A entrevistada D7 destaca: “nós somos sete irmãs e um homem, daí a gente foi uma família muito humilde” (Entrevistada D7).

A respeito da desnutrição materna durante a gravidez, não foi relatada especificamente pelas entrevistadas, no entanto, duas relatam complicações no parto. “A primeira gravidez foi com 17 anos, nem sabia que era gravidez. Aí ganhei ela em casa porque senti as dores, eu não sabia a hora de ganhar, o que eu ia sentir” (Entrevistada D11). A entrevistada relata que teve sua filha sozinha em casa por não saber a hora que seria o parto, causando grandes traumas a partir desse momento. Já a complicação da entrevistada D4 foi seu filho nascer com a perna deslocada.

Ainda como características intrafamiliares da pobreza geracional, tem-se: a renda familiar e o acesso a bens materiais. As entrevistadas foram questionadas sobre a principal fonte de renda da sua família⁹. Cinco das onze entrevistadas responderam que eram a principal fonte de renda de sua casa, mesmo duas delas sendo casadas/vivendo com um companheiro. Três responderam que as despesas são divididas entre elas e o marido. E as outras três responderam que sua principal fonte de renda é o marido. (Entrevistada D6).

Das 11 entrevistadas, seis já receberam algum tipo de benefício do governo, incluindo o Programa Bolsa Família e o Auxílio Emergencial. “Já recebi o Auxílio emergencial” (Entrevistada D8). As outras cinco relatam nunca ter recebido nenhum tipo de auxílio nem ajuda do governo. É relevante destacar que o salário para a classe de trabalhadoras domésticas

⁹ Das onze entrevistadas, três vivem em uma família sem nenhum aposentado ou pensionista. Duas com o marido aposentado, duas sendo aposentadas, uma com ela e o marido sendo aposentados, uma com a mãe aposentada e uma sendo pensionista do falecido marido.

entre os anos de 2019 e 2020 estava entre R\$ 924 e foi para R\$ 876 em média (DIEESE, 2020). Um salário abaixo do piso que foi estipulado para essa categoria pela lei n.º 15.911, de 22 de dezembro de 2022, no estado do Rio Grande do Sul, que é de R\$ 1.443,94. Assim, dificultando as entrevistadas de adquirir seus bens materiais, principalmente aquelas que são a principal fonte de renda de suas famílias.

Ah sim porque eu sou muito de querer uma coisa e enquanto eu não consigo eu não sossego, aí eu me endivido toda. Eu já comprei minha casa própria e vendi todos os móveis da minha casa, ficamos comendo no chão, porque eu não tinha dinheiro para dar entrada na casa e vendi todos móveis. Fiquei endividada, sem cama nem nada, mas depois consegui (Entrevistada 6).

A entrevistada D10 apresenta o sentimento de trabalhar e não conseguir adquirir nada por meio do trabalho. “Eu não tenho casa própria, eu alugo, aí tu já vê que eu sou pobre, porque se tivesse a possibilidade, o primeiro que faria é comprar minha casa para não tirar todo mês da minha aposentadoria” (Entrevistada D10). Fernandes (2023) corrobora com o exposto, destacando que o trabalho doméstico é desgastante e insalubre, no qual fornece poucas oportunidades para quem o exerce e viola os direitos civis, humanos e trabalhistas.

Outras características da pobreza geracional observadas nas trabalhadoras domésticas de Santana do Livramento foram sobre os agregados familiares liderados por idosos terem menores desempenhos e a pobreza gerar instabilidade emocional (Bird, 2007). Referente a agregadas familiares lideradas por idosos, a pesquisa identificou duas entrevistadas com esse perfil. “Eu morava com a vó, eu comecei a trabalhar pra ajudar ela a pagar aluguel, ela sempre pagou aluguel” (Entrevistada D4). A entrevistada começou a trabalhar como doméstica com 12 anos para ajudar a avó, pois, necessitou largar os estudos e começar a trabalhar, fazendo com que o desempenho econômico da entrevistada fosse menor. A instabilidade emocional foi percebida em uma entrevistada devido ao trabalho de doméstica ser considerado estagnado.

Mas aí eu tava muito depressiva, porque desde os 12 anos naquela função, tu trabalha, trabalha e a cabeça funciona, né, e aí eu comecei a ficar depressiva, comecei a engordar, pegar peso. E aí tu sabe que, eu digo, não, eu preciso nem mexer, eu preciso sai, aí eu me lembrei, assim, foi Deus me lembrou, assim, vou voltar pro colégio. Vai fazer bem pra minha cabeça (Entrevistada D3).

A entrevistada em sua fala relata que estava depressiva, sentia que o trabalho doméstico não a levava para lugar nenhum. O trabalho infantil também é uma característica intrafamiliar, sendo provável que as crianças sejam trabalhadoras infantis se os pais tiverem escolaridades limitadas (Bird, 2007). A escolaridade máxima dos pais das entrevistadas é o ensino

fundamental incompleto, o que pode estar atrelado a seis entrevistadas que começaram suas atividades laborais quando crianças e outras duas não trabalharam, mas necessitaram interromper os estudos e pedir esmola.

Os **fatores extrafamiliares** da pobreza geracional são compostos por diversas características, a contar com conflitos na sociedade, sexo (gênero) e discriminação por pobreza (Bird, 2007). Referente a conflitos na sociedade e discriminação, as onze entrevistadas foram questionadas se já sofreram algum tipo de discriminação, seja no trabalho ou em sua vida pessoal, por exercer a profissão de doméstica. Nesse sentido, quatro entrevistadas responderam que nunca foram discriminadas, duas afirmaram que não ficariam quietas caso a situação ocorresse. “Eu não, ah, e outra, eu não fico quieta... Eu preciso dela, ela precisa de mim. É, é uma coisa mútua, né?” (Entrevistada D2). Outra entrevistada relatou que não sofreu discriminação que tenha percebido.

Quatro entrevistadas relataram que já sofreram algum tipo de discriminação. “Eu acho que a discriminação é dia a dia, né? A gente sofre. Porque, já em tu ser doméstica, tu já sabe que o teu lugar não é ali” (Entrevistada D10). A fala da entrevistada D5 vai de encontro com o exposto:

Essa pessoa me agrediu, ele me agrediu verbalmente dentro da casa dele e eu respondi aquilo que eu tinha certeza que eu tava porque, ele me contratou para trabalhar e cozinhar, só que ele tinha a loja do lado e queria que eu limpasse a loja do lado. Ele me pediu para limpar, eu fui e limpei porque com certeza ele vai me pagar separado, no dia do pagamento, chegou o dia do pagamento ele me pagou só o que me tratou (no caso só a faxina da casa) aí na segunda vez ele me pediu para mim limpar e eu fiquei quieta e ele achou que eu não tinha ouvido, e ele disse: “a senhora viu que eu lhe pedi para limpar a loja” e sabe que ele me agrediu tanto, me falou tanta coisa, e eu fiquei quieta, não me deu o estalo de eu ter gravado, porque meu celular era simples mas dava para ter gravado, e eu fiquei muito chateada com aquilo, mas pensei, vou terminar o meu trabalho, por que eu sempre terminava, eu chegava cedo e saía sempre mais depois do horário, fazia 9h/9:30h e nunca levei em conta (Entrevistada D5).

A entrevistada relata que o empregador queria que ela fizesse mais do que as funções contratadas para fazer. Quando ela se recusou a fazer, ele a agrediu verbalmente. Fazendo alusão ao estudo de Antunes, Fleck e Troian (2023), no qual explanam que a profissão doméstica contemporaneamente sofre as consequências da sua origem escravocrata. A fala da entrevistada corrobora. “Eu acho que isso aí vem junto com a escravidão, sabe? Se tu analisar bem, isso vem junto” (Entrevistada D10). Referente aos maus tratos que sofria da sua empregadora.

As onze entrevistadas foram questionadas se acreditavam que se tornaram trabalhadoras domésticas por serem mulheres, se isso estava atrelado ao gênero delas. Três acreditam que não se tornaram trabalhadoras domésticas por serem mulheres, mas justificam pelas seguintes razões: ser a profissão que se adaptava à realidade da entrevistada, necessitar começar a trabalhar cedo e ser a única opção que não precisa estudar e pelas condições de vida. “Não, acredito que não, porque tu vai trabalhar cedo e o mais fácil é ser doméstica porque não precisa estudar” (Entrevistada D6).

Oito entrevistadas relataram que acreditam que ser mulher as influenciou a se tornarem domésticas. “Acho que sim, porque é mais fácil para a mulher, né? Eu vou, te colocam para cuidar de criança bem nova, como eu mesmo” (Entrevistada D3). Reforçando o estereótipo da mulher cuidadora da casa e dos filhos (Silva, 2006). Outra característica dos fatores extrafamiliares da pobreza geracional é o acesso ao mercado de trabalho (Bird, 2007). Sendo que apenas duas das onze entrevistadas trabalharam em outras funções que não no trabalho doméstico, começaram a exercer a função devido não encontrar mais oportunidade no comércio.

Eu sempre trabalhei no comércio, depois de um tempo para cá que eu comecei a trabalhar como doméstico **porque já a minha idade né já não estava fechando nos padrões exigindo do comércio que geralmente** (grifo próprio) eles pedem é o perfil uma pessoa mais jovem uma pessoa né também aparência né a gente vai ficando mais velho sabe... Então aqui em Livramento tem muitas preconceito né e também uma cidade que não tem trabalho é assim, ele procuram um funcionário a dedo, porque sabem que se tu não fechar com as exigência tem 100 atrás de ti na fila para ocupar a tua vaga, e é muito complicado aqui Livramento o trabalho é muito complicado por causa disso, tem muita procura e pouca oferta (Entrevistada D5).

As outras nove entrevistadas ou começaram como cuidadoras ou como domésticas, independentemente das suas idades, relataram que nunca tiveram problemas para encontrar empregos, sempre que deixavam uma casa encontravam outra. Quando questionadas se perderam o emprego por conta da idade, responderam que não. “Não. Ao contrário, todos os serviços que eu tinha, eu nunca fui botada pra fora de serviço. E os trabalhos que eu saí, eu saí. E os que eu saí sempre me disseram se eu queria voltar” (Entrevistada D10).

A etnia é uma característica dos fatores extrafamiliares que desencadeiam em pobreza geracional (Bird, 2007). Assim, as entrevistadas foram questionadas se acreditam que a cor da pele gerar algum tipo de preconceito ou discriminação. As onze domésticas participantes da pesquisa concordaram, sendo que quatro se auto intitulam negras. Entre as falas das

entrevistadas que se declararam brancas e pardas que acreditam que a cor da pele pode gerar algum preconceito, a entrevistada D5 destaca:

Embora todas as leis que existam, que tudo que tu fala é crime, que tu pode ser preso, esse sistema que tem aí é uma perseguição. De repente tão te levando preso e tu nem sabe, porque tu não presta atenção no que tu diz, tá mal acostumado com a democracia, nossa democracia vai terminar, Existe muito preconceito sim! (Entrevistada D5).

As quatro entrevistadas que se auto intitularam negras também acreditam que a cor da pele gera preconceito e quando questionadas se isso já as impediu financeiramente, todas responderam que sim. Duas não quiseram falar a respeito, devido ser um assunto delicado, já uma entrevistada relata: “entre os patrões têm bastante gente sendo assim preconceituoso” (Entrevistada D3). A entrevistada D10 completa: “Porque brasileiro é racista. E a parte de ser racista é hipócrita. Porque eles enchem a boca dizendo que gostam de negro e na primeira ocasião que eles têm, primeiro que eles te chamam de negro” (Entrevistada D10).

Segundo Freitas e Santos (2023), a dívida referente ao período da escravidão continua sendo um elemento reprodutor de desigualdade, colocando a população negra em condições de exploração e opressão quanto a oportunidades laborais e de educação. O ambiente e as interações sociais em que o indivíduo está inserido e a baixa participação na sociedade também são fatores que perpetuam a pobreza geracional (Bird, 2007). O que está fortemente ligado à realidade das entrevistadas, visto que todas têm mães domésticas ou atuando em atividades ligadas ao cuidado e pais agricultores.

4.1 Descendentes: desafios e persistências da pobreza geracional em Santana do Livramento/RS

Os descontentes entrevistados possuem idade entre 24 e 34 anos. Dos cinco filhos de trabalhadoras domésticas, dois têm filhos, quatro se intitulam pardos e uma como branca. Em termos de escolaridade, verifica-se um salto no número de anos que permaneceram estudando, comparado com a geração de seus pais, nas quais se encontram as entrevistadas centrais: dois têm ensino superior completo, dois estão cursando o ensino superior e um tem o ensino médio completo. Os pais dos entrevistados têm as seguintes profissões: engenheiro (formado recentemente, atuava como pedreiro), caminhoneiro e operador de máquinas. Uma descendente tem seu pai falecido que atuava como pedreiro.

Os **fatores intrafamiliares** da pobreza geracional são compostos por diversas características, a contar com a escolaridade dos indivíduos estar relacionada com a renda de seus responsáveis e com sua escolaridade ser equivalente à de seus pais (Bird, 2007). Dos cinco descendentes entrevistados, três têm o ensino médio completo, sendo que dois estão cursando o ensino superior e outras duas têm o ensino superior completo. A entrevistada relata que teve dificuldades de sua descendência de filha de doméstica, porém mesmo assim avançou em relação à escolaridade de sua mãe, que tem somente até a quinta série. Já a entrevistada F5 descreve que não teve incentivo de seus pais para os estudos.

Ah, mas eles não têm interesse nenhum estudo, eles nem incentivos vir a estudar. Meu irmão parou na quinta série. Vieram para cá para morar na cidade, para os guri estudar. O guri parou na quinta série. Eles nem no colégio foram. Vou lá saber o que aconteceu. Vamos trocar de escola. Não, não tem, ele se governa, nos estudos se governa. Só nós as mulheres terminamos (Entrevistada F5).

Bird (2007), salienta que a educação feminina é um importante fator para romper a transmissão geracional da pobreza, porque quando as mães são instruídas, elas são responsáveis por encaminhar seus filhos à escola. A respeito da escolaridade dos entrevistados ser equivalente à de seus pais, é possível ver um salto significativo, pois, duas ascendentes (mães domésticas) têm até a quinta série, duas têm o ensino fundamental incompleto e apenas uma o ensino fundamental completo.

Outras características dos fatores intrafamiliares são a saúde dos indivíduos, sua alimentação, número de componentes familiares, desnutrição materna durante a gravidez e pais/cuidadores bem nutridos (Bird, 2007). Quando os cinco entrevistados foram questionados sobre sua alimentação durante sua infância, todos afirmaram ter enfrentado dificuldades. A situação está intimamente ligada às características de saúde dos pais e à nutrição que eles proporcionaram. A entrevistada F4 também evidência:

Teve épocas que eu lembro assim na infância que era aquela opção de comida se a gente não quisesse, infelizmente não tinha um plano B Um arroz, um feijão, uma galinha. A gente não tava afim de comer, era aquilo que tinha, eu me lembro de alguns episódios que isso aconteceu [...] mas de faltar não Graças a Deus não (Entrevistada F4).

Apenas uma das entrevistadas é mãe e um entrevistado pai, sendo que relataram que esse processo foi tranquilo e as crianças nasceram na pandemia. “Foi tudo tranquilo” (Entrevistado F1). Assim, na geração de descendentes, não se percebeu desnutrição materna e problemas enfrentados na gravidez.

Apenas dois dos cinco entrevistados já possuem filhos. Outros dois entrevistados continuam morando com sua família de origem. Sobre o fato de ter muitos irmãos, o entrevistado F1 aponta: por exemplo, meus irmãos, eles estão estudando, estão se formando, mas no momento eles não contribuem com a renda da casa. Então, eu acho que são muitas coisas pra levar à pobreza (Entrevistado F1).

Ainda como características intrafamiliares da pobreza geracional, temos a renda familiar, o meio de subsistência e o acesso a bens materiais (Bird, 2007). Os entrevistados foram questionados sobre a principal fonte de renda de suas famílias. Dos cinco entrevistados, dois falaram que são sua principal fonte de renda em sua casa, uma falou que é dividida entre ela e o marido e outras duas falaram que a principal fonte de renda é a mãe dela e sua aposentadoria. A entrevistada F3 elucidou:

Então, sempre foi a mãe (a principal fonte de renda) assim, às vezes. Depois que a gente começou a trabalhar e cada um tem sua renda, a gente divide as coisas. Cada um tá com uma conta, a gente divide a parte da alimentação, mas se fosse pra escolher uma pessoa, seria a minha mãe (Entrevistada F3).

Referente a aposentados ou pensionistas, duas ascendentes - mães dos entrevistados - são aposentadas, levando em conta que a entrevistada F3 e F4 são irmãs. Apenas dois entrevistados têm familiares que recebem ou já receberam algum benefício do governo. “O meu irmão recebe um benefício, mas é do Uruguai (Entrevistado F1). Das características intrafamiliares da pobreza geracional, agregados familiares liderados por idosos não foram identificados, devido a todos os descendentes terem sido criados por suas mães domésticas. Também não foi evidenciado que a pobreza gera instabilidade emocional.

Os **fatores extrafamiliares** da pobreza geracional são compostos por diversas características, a contar com conflitos na sociedade, sexo (gênero), discriminação por ser pobre (Bird, 2007). Os entrevistados foram questionados acerca de conflitos na sociedade e a presença da discriminação, se já sofreram algum tipo de discriminação por serem filhos de uma trabalhadora doméstica. Dois responderam que não, outros dois também que não se lembravam, ou que isso não incomodava. “Que eu me lembre, não. Que eu me lembre, não. Porque, geralmente, se tem alguma situação que eu vou perceber, eu já me afasto dessa pessoa, dessa situação, desse local” (Entrevistada F2). Outra relatou que nunca foi discriminada, mas se sentia envergonhada de ser filha de uma doméstica.

Discriminada nunca fui, mas eu confesso que tinha vezes que eu me sentia envergonhada de dizer sabe? Eu lembro lá no ensino médio que minhas colegas as

mães tudo trabalhavam em funções diferentes e a minha era doméstica, eu lembro que eu ficava meio receosa. Mas hoje para mim é motivo de orgulho porque eu sei que a gente venceu isso e todo o esforço dela (Entrevistada F4).

Os entrevistados também foram questionados se acreditam que o fato da mãe deles trabalhar como doméstica poderia influenciar eles a terem a mesma profissão. Três responderam que não. “Hoje em dia não porque a gente tem a visão diferente e não é porque eu tenho marido que eu que vá fazer as coisas que se divide em casa” (Entrevistada F4). Outras duas entrevistadas responderam que sim: “Pode ser”. E era o que eu sabia fazer também (Entrevistada 5). Sendo que a entrevistada teve o seu primeiro emprego como empregada doméstica.

O acesso ao mercado de trabalho é outra característica dos fatores extrafamiliares da pobreza geracional (Bird, 2007). Os entrevistados começaram a trabalhar com 12, 14, 15 e 16 anos. Eu, com 12 anos, trabalhava nas férias. Não era um trabalho muito contínuo (Entrevistado F1). Duas estão formadas em Administração na Universidade Federal do Pampa, mas atualmente não exercem a profissão, atuando como consultora de vendas e recepcionista.

A etnia também é uma característica dos fatores extrafamiliares (Bird, 2007) os cinco entrevistados foram questionados se acreditam que a cor da pele pode gerar algum tipo de preconceito ou discriminação. Todos concordam que sim. “Com certeza, na questão de casa familiar. Mas, por exemplo, uma doméstica numa empresa, numa loja, no mercado. Porque ela é doméstica e tem a pele mais escura” (Entrevistada F2). A entrevistada se refere ao preconceito gerado pela doméstica frequentar lugares como lojas e mercados e ser discriminada pela sua função laboral. Guimarães (2023) destaca em sua pesquisa que o racismo estrutural representa um dispositivo de distanciamento entre pessoas negras e brancas na sociedade, afetando a dinâmica da população negra. A qual também pode ser relacionada com o trabalho doméstico quando é executada por pessoas negras.

Outras questões que estão associadas a pobreza geracional que foram evidenciadas no quadro 2, não foram possíveis de detectar com as entrevistadas, devido fugir do tema de pesquisa e do roteiro de entrevista, são elas: questões culturais e psicossociais, baixas aspirações, influências políticas, influências de redes sociais, trauma da exposição a violência e violência de guerra. Destaca-se que todas as características dos fatores intrafamiliares foram percebidas entre as entrevistadas.

Por fim, a pobreza geracional é influenciada por fatores intrafamiliares, como a baixa escolaridade dos pais, que frequentemente limita as oportunidades educacionais dos filhos. No estudo, nove de onze entrevistadas tiveram seus estudos afetados pela necessidade de trabalhar e contribuir financeiramente para a família, muitas vezes em condições precárias e com apoio limitado. A saúde e a nutrição familiar também influenciam essa condição, uma vez que as entrevistadas relataram dificuldades alimentares que impactaram seu desenvolvimento e de seus filhos. Ademais, fatores extrafamiliares como discriminação, desigualdade de gênero contribuem também para a perpetuação da pobreza ao longo das gerações. Esses elementos, combinados com o estresse emocional e as limitações de renda, destacam a luta contínua dessas famílias em romper o ciclo da pobreza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A perspectiva de compreender o trabalho doméstico pela ótica da pobreza geracional permite fazer análises sobre as gerações ascendentes e descendentes das trabalhadoras domésticas. A pesquisa identificou características comuns entre a pobreza geracional e o trabalho doméstico assalariado em Santana do Livramento, ela ainda permitiu identificar a precarização do trabalho doméstico entre o grupo de entrevistadas.

Os resultados da pesquisa revelam reforçam os estudos prévios, evidenciando a relação entre os fatores intrafamiliares e extrafamiliares da pobreza geracional na história das trabalhadoras domésticas e seus antecedentes e descendentes. Os dados demonstram baixa escolaridade que pode se dar pela necessidade de trabalhar desde muito jovens. A baixa renda também é um fator que impacta a educação das entrevistadas, fazendo com que trocassem seus estudos na infância e adolescência.

A saúde e a insuficiência alimentar também são fatores que contribuem para o aumento da pobreza ao longo das gerações de domésticas e seus descendentes. Complicações no parto é um dos aspectos mencionados pelas entrevistadas, destacando as dificuldades enfrentadas desde sua gestação até carência de recursos materiais. A discriminação também foi presente durante a história das entrevistadas, demonstrando uma instabilidade emocional das entrevistadas quanto a esse fator.

Em relação aos descendentes de trabalhadoras domésticas, observa-se uma conexão com fatores intrafamiliares e extrafamiliares da pobreza geracional. Fatores intrafamiliares como escolaridade, saúde e renda familiar mostram melhorias em relação à geração anterior.

A escolaridade dos entrevistados avançou em comparação à de suas mães, que em sua maioria não completaram o ensino fundamental. Contudo, a saúde e alimentação na infância desses descendentes ainda refletem as dificuldades vividas por seus pais.

Os fatores extrafamiliares, como conflitos sociais, discriminação de gênero, etnia e acesso ao mercado de trabalho, foram identificados nas histórias dos descendentes de trabalhadoras domésticas. A discriminação por ser filho de uma doméstica e seu impacto social foi apontado por uma entrevistada. Além disso, esses descendentes, como as domésticas, iniciaram cedo suas jornadas de trabalho, muitas vezes em condições precárias e fora de sua formação acadêmica, evidenciando a difícil mobilidade social.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Cíntia; SABOIA, Ana Lúcia. **Indicadores sobre trabalho decente**: uma contribuição para o debate da desigualdade de gênero. Rio de Janeiro: IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais, 2011.

ANTUNES, Luise. **Quando eu crescer quero ser como você?!**: Análise dos desafios e persistências da pobreza geracional e do trabalho doméstico em Santana do Livramento/RS. 2024. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal do Pampa, Santana do Livramento, RS, 2024.

ANTUNES, Luise; FLECK, Carolina; TROIAN, Alessandra. A história do trabalho doméstico no Brasil: da escravidão ao atual cenário de desigualdade social. **Contextualizaciones Latinoamericanas**, Guadalajara, v. 2, n. 29, 2023.

ÁVILA, Maria; FERREIRA, Verônica. Trabalho doméstico remunerado: contradições estruturantes e emergentes nas relações sociais no Brasil. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 32, 2020.

BANCO MUNDIAL. **Poverty and Inequality Platform**: Poverty headcount ratio at \$2.15 a day. [S. l.], 2024. Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicator/SL.POV.DDAY>. Acesso em: 31 out. 2024.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 70ª ed. São Paulo: Lisboa Edições, 2011.

BIRD, Kate. **The Intergenerational Transmission of Poverty**: an overview. London: Chronic Poverty Research Centre, 2007. (ODI Working Paper 286).

BLANDEN, Jo; GREGG, Paul; MACMILLAN, Lindsey. Accounting for Intergenerational Income Persistence: noncognitive skills, ability, and education. **The Economic Journal**, v.

117, n. 519, p. C43-C60, 2007.

BULE, José Ernesto. A transmissão intergeracional da pobreza: uma breve análise do contexto moçambicano. **Revista Científica Multidisciplinar**, São Paulo, v. 4, n. 3, 2023.

CAIN, Emma. Social Protection and Vulnerability, Risk and Exclusion Across the Lifecycle. In: **Promoting pro-poor growth: employment and protection**. Reino Unido: OECD, 2009.

CAVALCANTE, Geisiane et al. O impacto do microempreendedor individual (MEI) na arrecadação do Regime Geral da Previdência Social (RGPS). **RAGC**, Monte Carmelo, MG, v. 8, n. 37, 2020.

COUTO, Verusca. **Vida de mulher: gênero, pobreza, saúde mental e resiliência**. 2007. Monografia (Bacharel em Psicologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

CRESWELL, John W. **Métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Penso, 2021.

CUETO, Begoña. et al. **Transmisión intergeneracional de la pobreza**. Espanha: Fundação Fonseca, 2019.

DIEESE. **Trabalho doméstico no Brasil**. Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos, 2020. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/outraspublicacoes/2021/trabalhoDomestico.html>. Acesso em: 26 jun. 2023.

FERNANDES, Estevão. Violações e desvalorização dos Direitos Humanos e Trabalhistas das Empregadas Domésticas. In: SEMANA DA DIVERSIDADE HUMANA, 8., 2023, Porto Velho. **Anais eletrônicos...** Porto Velho: Centro Universitário São Lucas, 2023. Disponível em: [adicionar link se disponível]. Acesso em: [adicionar data se disponível].

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3ª ed. Porto Alegre: Editora Artmed, 2008.

FRAGA, Alexandre; MONTICELLI, Thays. ‘PEC das Domésticas’: holofotes e bastidores. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 29, n. 3, e71312, 2021.

FREITAS, Cristhiano; PAIVA, Léa. **Os reflexos da reforma trabalhista para o empregado doméstico**. São Paulo: LTr Editora, 2019.

GAFFORELLI, Catiana D.; SANT'ANNA, Sita; SILVA, Veronice. Vozes dos estudantes da EJA: uma investigação sobre os sentidos do retorno de jovens e adultos à escola. **Revista Cocar**, Belém, v. 14, n. 30, 2020.

GERHARDT, Tatiana; SILVEIRA, Denise (org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GUIMARÃES, Emanuella. **Mulheres negras, trabalhadoras domésticas: as diferentes formas de discriminação no sistema patriarcal capitalista**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2023.

HAIR, Arthur; BABIN, Barry; SAMOUEL, Philip. **Fundamentos de métodos de pesquisa em Administração**. Porto Alegre: Bookman, 2005.

IBGE. **Sant'Ana do Livramento**. [S. l.], 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/santana-dolivramento.html>. Acesso em: 5 jun. 2023.

KASSOUF, Ana Lúcia. Evolução do trabalho infantil no Brasil. **Sinais sociais**, São Paulo, v. 9, n. 27, p. 9-45, 2015.

LEONE, Eugenia; MAIA, Alexandre; BALTAR, Paulo. Mudanças na composição das famílias e impactos sobre a redução da pobreza no Brasil. **Economia e Sociedade**, Campinas, SP, v. 19, p. 59-77, 2010.

LIAZIBRA, Luiz Felipe. Especial: 10 anos depois da PEC, domésticas têm reconhecimento, mas novos desafios se apresentam. **Rádio Senado**, 30 mar. 2023. Reportagem de site. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2023/03/30/pec-das-domesticas-10-anos-de-lei-80-anos-de-luta>. Acesso em: 20 jul. 2023.

MADALOZZO, Regina; BLOFIELD, Merike. Como famílias de baixa renda em São Paulo conciliam trabalho e família? **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 25, p. 215-240, 2017.

MELO, Hidete P.; MELLO, Soraia C. Notas sobre o trabalho das mulheres em tempos de pandemia: respostas e impasses. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 30, 2022.

MUAZE, Mariana. 'O que fará essa gente quando for decretada a completa emancipação dos escravos?' - serviço doméstico e escravidão nas plantations cafeeiras do Vale do Paraíba. **Almanack**, Guarulhos, SP, p. 65-87, 2016.

PINHEIRO, Luana. **Os desafios do passado no trabalho doméstico do século XXI: reflexões para o caso brasileiro a partir dos dados da PNAD contínua**. Rio de Janeiro: Ipea, 2019. (Texto para discussão).

PINHEIRO, Luana; TOKARSKI, Carolina; VASCONCELOS, Márcia. **Vulnerabilidades das trabalhadoras domésticas no contexto da pandemia de Covid-19 no Brasil**. Nota Técnica, Ipea, 2020.

PINHEIRO, Luana S.; FONTOURA, Natália; PEDROSA, Cláudia. **Situação atual das trabalhadoras domésticas no país**. Brasília: Centro Feminista de estudos e assessoria, 2011.

RIBEIRO FILHO, Francisco D.; RIBEIRO, Sofia. Evolução histórico-jurídica do trabalho doméstico. **Lex Humana**, Petrópolis, RJ, v. 8, n. 2, p. 45-71, 2016.

SANCHES, Solange. Trabalho doméstico: desafios para o trabalho decente. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 17, p. 879-888, 2009.

SILVA, Midihã. Chefia feminina domiciliar: indicador de maior pobreza das mulheres? **Revista Gênero**, Niterói, RJ, v. 7, n. 1, 2006.

TEIXEIRA, Juliana. **Trabalho doméstico**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2021.

TEJADA, Cesar et al. Pai pobre, filho pobre? Uma análise da mobilidade intergeracional de renda na coorte de nascimentos de 1982, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 31, p. 1225-1233, 2015.